

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

DESPEDIDA DO ANNO VELHO.



Dando-vos o ultimo numero do nosso jornal no anno de 1854, minhas queridas leitoras, não podiamos declinar de nós o dever de vos paten-tearmos a sincera gratidão pela benignidade com que vos dignastes proteger a redacção do *Jornal das Senhoras* e animal-a a continuar na tarefa que tomou sob sua responsabilidade.

Temos consciencia de haver, no decurso de todo o anno, procurado corresponder ás vossas esperanças e satisfazer as justas exigencias de vossa illustração e delicado gosto, quer no que diz respeito á modas, quer na exactidão de nossas noticias, ou finalmente offerecendo ao vosso espirito poesias escolhidas, e romances cuja leitura pudesse entreter-vos nas horas de vosso recreio.

As amigas, que se prestarão de tão boa vontade a auxiliar-nos, bastante delicadas e instruidas, comprehendendo perfeitamente o espirito da nossa sociedade, tiverão o feliz pensamento de moralisar os costumes sociaes, condemnar os vícios e os abusos que a vossa bondade tolerava.

Pensamos que debaixo deste ponto de vista alguma coisa se conseguiu, se não nos enganou a observação nas ultimas reuniões em que nos achámos.

Cumpre-nos, pois, manifestar ás nossas interessantes collaboradoras a valiosa cooperação que

tão francamente nos proporcionarão, e sem a qual não houvérámos podido desempenhar o dever que nos captiva.

O anno de 1854 está acabado, e amanhã já será contado como uma nova pagina do livro do passado na grande e infinda historia dos seculos da existencia humana: mas com elle não tem acabado a nossa missão; e teremos de proseguir no encargo da redacção, para cujo bom exito confiamos que continuaremos a merecer a protecção das nossas amaveis cooperadoras e principalmente das delicadas flores da sociedade fluminense, cujas assignaturas, no decurso do anno que começa, serão novos titulos para o nosso reconhecimento e um poderoso incentivo que nos animará a continuar com novo esforço na realisação de sua justa expectativa.

Não faremos ás nossas amaveis leitoras promessas de melhoramentos extraordinarios, para não sermos desmentida por qualquer eventualidade cujo remedio esteja fóra do nosso alcance. Promettemos empregar os meios para elevar o *Jornal das Senhoras* á altura do merecimento do bello sexo, procurando encher as suas paginas com artigos cuja leitura lhe seja interessante e agradável.

A especialidade das modas continuará a ser particularmente attendida, e mesmo melhorada se fór isso possível. Os desenhos de bordados,

músicas escolhidas, e quanto possa concorrer para maior interesse e consideração do jornal, não serão menos attendidas em sua distribuição regular e agradável.

Procuraremos fazer constantemente a publicação de escolhidos romances e delicadas poesias; e finalmente não deixaremos de ter sempre presente o merecimento de nossas assignantes para que á elle corresponda o bom cumprimento de nossa missão.

Concluindo: aceitai, amaveis leitoras, as nossas felicitações pelas venturas e prazeres que a sorte vos prodigalisou até hoje; e fazemos preces á Deus para que os vossos apreciaveis dias sejam uma inalteravel cadeia de felicidades, e fação da vida de cada uma de vós um delicado ramo das mais risonhas flores, como vós todas formais o mimoso ramalhete da sociedade fluminense.

A REDACÇÃO.

CHRONICA DOS SALÕES.

Ora eis aqui, minhas boas amigas, o ultimo artigo que vos consagramos no anno que por um triz se está findando, com o titulo de *Chronica dos Salões*. Muitos cuidados tivemos por varias vezes, receiosa de não haver matéria com que entreter a vossa leitura sempre que viamos o verão postar-se á porta dos bailes para não dar entrada e evitar assim a occurrencia dos factos que vos deviamos relatar. Felizmente sempre tivemos alguma cousinha a referir, até mesmo hoje, que é o ultimo do anno, e que S. Silvestre está com a chave do anno na mão á espera da meia noite para fechar um e abrir o outro.

Pois antes que elle dê volta á chave, e atire com o dia no *anno passado*, tornarei a fallar-vos do pouco que houve na semana.

Começarei por annunciar-vos uma esplendida e escolhida reunião, haviada na noite de 22 de dezembro, em uma casa da rua do Lavradio, á qual concorrerão muitas pessoas que se lembrarão que era esse o dia do anniversario natalicio de um respeitavel titular.

Não tivemos a honra de estar ahí presente: sabemos, porém, que a excellente companhia deixou saudades a todas as pessoas que a ella concorrerão; o que é tanto mais natural quanto sabemos que para motiva-as é bastante a inimitavel amabilidade e delicadeza de S. Ex. a Sra. marquezã e de seu nobre esposo: além de que a jovialidade e a belleza das senhoras que ahí se acharão ainda mais concorrerão para dar á essa reunião um caracter particular.

Sabemos que algumas destas mesmas senhoras e cavalheiros se reunirão, no dia seguinte, na rua de D. Luiza, onde passarão a noite em luzida companhia: e, no immediato, as mesmas pessoas tornarão a encontrar-se nas magnificas salas de uma casa titular da rua de Santa Theresza; onde o prazer e animação da companhia correspondirão aos desejos dos delicados e affaveis donos da casa, cuja filha, anjo de graça e primores, delectou com o seu canto mavioso o auditorio arrebatado pela suavidade de sua voz, uma das melhores de que temos noticia. Esta interessante joven senhora não foi menos applaudida nas duas noites antecedentes, nas reuniões que noticiámos.

Na noite de 23 teve tambem logar uma linda partida, por motivo de uns annos, na rua do La-

vradio, em casa de um respeitavel cidadão, cujas virtudes e sciencia lhe têm conquistado grande numero de amigos. A alegria presidiu á esta reunião, que foi seguida de uma esplendida ceia.

A respeito de companhias nada mais podemos noticiar-vos, leitoras: mas temos que fazer um appendice á festa do collegio-Marihu, na qual forão de tal modo applaudidos os alumnos pela boa execução de suas partes, que dous lindos meninos, que a caracter cantarão um duetto do *Elixir d'amor*, forão obrigados a repetil-o; e o fizerão com tanto maior admiração dos espectadores quanto o mais velho delles tem apenas nove annos de idade. Foi tambem repetida uma aria do *Pirata*, cuja execução muito agradou. Pensamos que só a delicadeza dos convidados obstará a que todo o divertimento se repetisse.

Ao lado do theatro estava preparado um extenso salão onde foi servido ás senhoras um esplendido chá, chocolate, doces e refrescos, durante os intervallos do divertimento, alguns dos quaes forão preenchidos pela execução de peças a quatro mãos em piano, por outros alumnos.

Assegurão-nos que em dezembro do anno proximo haverá igual divertimento, cuja boa execução não pôde entrar em duvida.

O Passeio Publico continúa a ter effectiva e grande concurrencia de familias que ahí vão, durante a noite, procurar allivio contra os rigores da estação calmosa. Cada vez lastimamos mais o abandono em que está o Passeio, e a reprehensivel negligencia da sua administração. Ouvimos dizer que havia idéa de crear-se uma companhia para encarregar-se de o fazer prosperar e engrandecer; e sentimos que a idéa se não realisar ou esteja demorada.

Na noite de Natal houve pouco socego nas ruas da cidade para as poucas pessoas que preferirão antes deitar-se para dormir do que ir á missa do gallo: e, não obstante a chuva que cahiu, estiverão cheias as igrejas, e passearão pela cidade algumas folias e musicas.

Não deixaremos tambem de noticiar-vos que a sociedade *Recreio Fluminense* fez a sua reunião do costume em uma das salas do Paraíso, na noite de 28 do corrente, dando uma representação á qual seguiu-se o baile. Escusado é dizer que o bom gosto e a elegancia derão-se as mãos para tornar a companhia digna dos elogios que

já por muitas vezes tem merecido. A chuva, entretanto, foi um obstáculo á concorrência, sem contatado haver ella sido grande.

Avaliamos bem os divertimentos que houverão fóra da cidade, em cujos arrebaldes o mundo elegante dos nossos salões está espalhado, ou grupado em interessantes companhias.

A nós não coube este anno o mesmo prazer; e tivemos de passar todos os dias no centro da cidade, mas felizmente com prazer no seio de nossa familia.

Entretanto aceitem, queridas leitoras, nossas felicitações pelas venturas com que acabou hoje o anno de 1854; e pedimos ao Céu que vos conceda, no anno que começa amanhã, a continuação das felicidades que gozais ou a realização das que ambicionais, para que com prazer e tranquillidade possais continuar a guardar alguns minutos de cada semana para saberdes as noticias que promete continuar a dar-vos a vossa

Alina.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

Com a presente estampa offerecemos ás nossas assignantes uma collecção de seis differentes modelos de manteletes de seda e de renda em figurinos apropriados á nossa actual estação.

Estes manteletes, no verão, apenas servem para completar o vestuario em dia humido e chuvoso, para um passeio de manhã á rua do Ouvidor, ou outro qualquer passeio para fóra da cidade que não seja em dia calmoso.

As nossas assignantes encontrarão um lindo e completo sortimentô destes distinctos manteletes no armazem-Wallerstein e no de M.^{me} Hortense Laccarriere, onde tambem poderão apreciar as magnificas fazendas leves, de seda, linho ou algodão, apropriadas á estação.

Por mim lançaria mão dos tafetás singelos e cambraias, para este tempo, não ousando neste ponto aconselhar ás minhas leitoras, porque ellas sabem perfeitamente conhecer o bom-tom de um vestuario apropriado.

Eis os nomes que se deu aos nossos seis manteletes da presente estampa. Vão mesmo em francez para terem mais graça.

- 1.º Félicien.
- 2.º Pepita.
- 3.º Chevreuse.
- 4.º Gypsi.
- 5.º Fontanges.
- 6.º Cruvelli.

Alina.

DESPEDIDA DO ANNO.

Repara, ó donzella; da coroa te cahiu uma folha de rosa! Que importa? Se o tempo que levou um prazer, te trouxe talvez uma virtude!

Mancebo! Um anno diminuiu tua existencia! cautella: mais veloz que o ar corre a vida!

Ancião! Uma folha de cypreste cingirá tua fronte pendida!

Um anno passou — e que resta delle? — consolações ou remorsos.

Que resta dessa multidão de prazeres que aturdiu o coração do homem? — A lembrança — Do cardume de dores que lhe pungirão a alma, o que ficou? — Uma dor ainda mais pungente — a recordação de seus males.

Uma rosa branca desabroxa aos pés do creador — é uma virtude que um coração innocente praticou sobre a terra. Um lirio roxo levanta sua cabeça mimosa — foi o sangue da penitencia que o salpicou. — Quaes perolas brilhantes fulgurão nas mãos dos anjos lagrimas de coração dilacerado. — Musica sonora resôa nos Céos — é

o gemido do afficto. As preces dos justos que vivem sobre a terra, como nuvem de cheiroso incenso envolvem o throno de Deus tres vezes santo.... Porém novas e multiplicadas fogueiras chammejão nos infernos.... são o castigo dos criminosos.

Um anno passou.... Uma pagina da vida foi rasgada.... e o que é isso em relação á eternidade? — Uma gota de agua que cahiu no oceano!

Apenas vecejante, logo murchou o hotão que nos promettia esperanza. A felicidade não chegou a florescer, os males crescerão sem cultura. Triste de quem não dá um passo, sem topar com o castigo do peccado, que antes de nascer commettêra.

A vida vai seu caminho, sem que obstaculos a façam parar, e o homem igualmente louco em suas alegrias e em suas penas, ou deseja prolongal-a para gozar um prazer ephemero, ou transpôl-a para fiudar um peccamento, que longe de

o aviltar o eleva. Loucos! Nem um, nem outro, se lembra que, além da vida, um bem sem fim, ou um mal sem remédio os espera.

O ponteiro pousou sobre a ultima hora de uma época, lá nesse relógio infallivel que conta por dias seculos, por annos a eternidade.... E tu que fizeste? Choraste por uma dor que tinhas de

passar, ou riste por um prazer que se desfez como fumo.

O tempo roeu um elo dessa cadeia, que prende seu primeiro anel no berço, o ultimo no tumulo: e tu, louca, tu não percebeste?... Porém, talvez que os vermes do sepulchro já se aprestem para o festim.

POESIA.

ADORACAO.

I.

Baqueou muda a harpa sonora
Do propheta real de Israel;
Sua purpura os hombros decóra
De alto rei, que dá lustre ao docel.

D'aquí sabios, d'além potentados,
Anciosos de cuvil-o e de o ver,
Salomão proclamavão, curvados,
O maior em riqueza e saber.

Em seus passos, ao rei, que se ostenta
Fundador grandioso, sem par,
De Sabá a rainha opulenta
Vem com séquito immenso saudar.

Nos degraus d'aureo throno elevado,
Regio manto, d'arminho bateu;
E o lustroso cortejo apressado
Os seus górros de tisso abateu.

E elle, joven, magnanimo, affavel....
Sapiente, adorado, imperou.
Essa esplendida gloria infavel
Era humana... que é della? Expirou!

II.

Despidinho, tremente e choroso,
Vêde a gloria immortal de Jesus!
Enfaxado, innocente, amoroso,
Destinado a morrer n'uma cruz!

Esta gloria é do Céu não expira,
Nem terreno agasalho requer,
Quem seu throno deixou de saphira
E reveste miserrimo ser.

No presepio, o regaço materno,
Perfumado, mimoso e gentil,
Eis o solio mais digno do Eterno
Que a seus pés tem de ver thronos mil.

Nova estrella dos orbes na esphera,
Ao nascer deste sol, rutilou:
Sob o infante, que ás auras a déra,
Doze dias depois se apagou.

Nesse chão, pedregoso, escaldado,
Tres corôas lá vejo cahir....
Grupos d'homens, trajando brocado,
Fronte e barbas no pó vem sumir...

São d'Arabia oriental: quem trazel-os
Soube aqui? Foi dos Céos essa luz,
Descarregão seus altos camellos
Regios dons põem aos pés de Jezus.

Constão d'ouro — que ao rei é devido;
E de incenso — que a Deus deve arder;
E de myrrha — que ao homem nascido,
Quer dizer que hade vir a morrer.

Mas offertas lhe traz toda a gente;
A tiara, o diadema, o borel.
Céos! Só eu ficarei negligente,
Entre tantos fieis, infiel?!

Neste peito ulcerado eathesouro
Requintados tormentos e dor;
Por incenso, por myrrha, por ouro,
Humilhada os off'reço ao SENHOR.

D. Maria J. S. C.



Felicie

Depina

Cherouse

Gypse

Montange

Lucelle

Suzette

595 bis

LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue Richelieu 92.

Diffusion Robes et Confections nouvelles pour le *Quintidi*
 Propriété exclusive des Modistes de la Maison **DELISLE** rue de Clugnot et rue de Guimbert
 et pour les Chapeaux de la Maison **PLÉ-HORAIN** Rue Bassin du Montparnasse
 Marché de Chaproux Rue de la Saie et Quai de Maguer Saboulee rue de Clugnot 11



Alle Vorbehalte gegen Nachdruck.

O ÚLTIMO AMOR.

(Continuado do n.º 52.)

VII.

Carta do Conde de ... ao seu amigo R ...

Sei que não posso sobreviver a este golpe. Quando na vida morre a esperança, a morte está próxima e o sepulchro aberto.

Que queres?... Pesava sobre mim a mão tremendo da fatalidade. Estava escripto no Céu que eu deixasse a vida sem que vivesse uma hora nos braços de uma mulher devorada do amor que eu sentia, que creêsse, como eu, na eternidade dos juramentos que se proferem quando o coração ancêa a felicidade.

Vi-a expirar como a flor açoitada pela tempestade, e que já nem o sol, nem as brisas da primavera, podem fazer renascer a vida.

Foi de noite que m'a conduzirão quasi moribundá. Não era a ausencia da vida animal, nem uma dessas modificações tremendas, que a doença produz, que a leváráo ao tumulto. Havião-lhe ferido a alma, e essas organizações angelicas ou morrem para a vida, ou nascem para o mal.

Crêra, desejára como eu, um amor delirante e apaixonado, immenso, e nem pôde colher nos labios do seu amante uma dessas palavras que enganão o coração e que alimentão a esperança. Soube tudo, vi tudo.

Os sonhos da sua alma virgem teve a crueldade de m'os repetir nos delirios da febre...

Estava pallida, com os cabellos cahidos, vestida de branco, com esse sorriso, que parece entrever o Céu, e que é a ultima despedida ao mundo; segurou-me no braço e olhou-me com um olhar brilhante, mas vago: « Adeus! vou para o Céu; é lá que se ama, que se ama sempre, que se não cança o coração de amar! » E depois não fez mais um gesto, não disse mais uma palavra, adormeceu no repouso eterno, rica com essa esperança, antevendo a felicidade que lhe havia negado esta sociedade infame! Morreu: que importa que o Céu seja o nada?... Morreu com todas as suas illusões, com toda a vivacidade dos desejos infinitos, com toda a fé pura e sincera das almas engrandecidas pelo sofrimento..... Nem conheceu o remorso!... Perdêra a razão, que talvez lhe viesse reanimar alguma duvida pungente e sellar no seio da morte o seu ultimo o seu mais horrivel tormento!...

E depois, sabes tu o que é um homem repetir ao seu coração — é o meu ultimo amor?... Ver expirar em seus braços a unica mulher que lhe havia mostrado de longe os largos horizontes da paixão moral? Lembras-te, no bello drama de Dumas — Angela — esse Henrique Muller devorado por uma molestia cruel, que esmaga de cohera os arbustos que se lhe levantão debaixo dos pés, cheios de vigor e de vida?... Quanto lhe invejo a sorte! Oh! é bello, é sublime o homem despedir-se da vida, sentindo todas as suas fa-

culdades apaixonadas palpitarem-lhe dentro do peito... Mas a tísica moral!... mas o homem ter de bater no peito para dizer: — aqui não vive senão o sofrimento, não reverdece nem uma illusão, nem uma esperança!... aqui nem mora uma saudade pura, ingenua, uma recordação virgem daquella que amei!...

Não me entendeu e podia entender-me!... Louca!... que quiz encontrar no mundo o que só Deus concede ás existencias solitarias, aos homens, que como Fausto, descreem de comprehender Deus pelo espirito e tentão elevar-se á Elle pelo coração!... Porque me fiz eu de marmore diante della?... Que louco orgullo me prendeu nos labios tudo o que sentia, que me abrasava o coração, que me fazia delirar a intelligencia?...

Ainda me lembra o dia em que ella, sentindo-se culpada, quiz abrir-me o coração!... Culpada de que?... Ainda bem que o seu tumulto ficou innocente como a sua alma... Culpado fui eu, que me concentrei no egoismo da minha dor, e que não tive coragem para encetar a luta..... O que poderia ella amar em mim?... Como poderia eu realizar todos os sonhos fervidos da sua fantasia?

Não acredites na prudencia dos velhos que nada é mais do que uma covardia de espirito! Fui eu o seu assassino, porque a abandonei sózinha no meio do mundo, e não pude ao menos afastal-a de um homem indigno della, que a sacrificou no culto barbaro desta época corrupta — a alguns punhados de ouro, ao som sonoro de um nome insignificante!

O' sociedade! cobre-os de louros, engrinaldallhes as frentes de corôas vicosas! Nada falta ao seu triumpho — nem as victimas que os triumphadores romanos levavão após de si ao capitolio!

E não poder vingar-me! Seria um ultrage á sua memoria, seria lançar a infamia sobre aquella cova, ainda quente do seu sangue! Justiça divina, não sei se és grande no Céu, mas és esteril na terra! A estas horas, esses dous entes talvez cubrão de lama, com as rodas das carruagens, os infelizes que passão: a estas horas ha quem inveje a sorte da marqueza, ha quem cubice a opulencia do miseravel leão. E não os persegue o remorso: o remorso só o sabem sentir as almas elevadas, aquelles que, como os anjos decabidos, ainda têm restos de grandeza na sua decadencia e na sua abjecção. Elles — coitados! — embriagados nas vãs homenagens do mundo, quem sabe se, neste momento, empregão o tempo em combinar os detalhes de uma festa, e canção a imaginação a ver de que modo podem sobresahir melhor nas portulholas da carruagem as cores do seu brazão!...

Dom atroz é o do ~~palacio~~, porque só elle é que geme, é que soffre no mundo: aos famintos do

banquete social basta-lhes algumas migalhas para não esvoaçarem, como as harpias, dentro da sala do festim!

Agora resa por mim, tu, que ainda podes orar!

Nem a ambição, nem a gloria, me convidão a uma nova luta: perdi de todo a esperança: o meu ultimo suspiro ha de exhalar-se perto do meu ultimo amor.

LOPES DE MENDONÇA.

O NATAL SUECO.

EXTRACTO DE UMA VIAGEM, DE ARNDT, PELA SUECIA, INSERTO NO — PENNING MAGAZIN DINAMARQUEZ — E TRADUZIDO PELA ILLMA. SRA. DONA A. C. DE CASTILHO.

A festa do Natal, em Suecia, principia como entre os allemães na santa noite da Natividade. — Mas dura por mais tempo, deitando ainda até Dia de Reis pelo menos, e verdadeiramente até aos 13 de Janeiro, dia de S. Canuto.

O Natal! Onde ha ali choupana ou palacio em toda a Suecia, que nesta época não ostente a sua alegria!

Achava-me eu em Stockolmo: tudo ali era bulicio. Ha uma feira, onde se vende toda a sorte de golodices e quinquilharias para creanças e senhoritas, e Deos sabe para quem mais. Esta feira estende-se pelas differentes ruas da cidade, guarnecidas de barracas, todas illuminadas, assim como as lojas de modistas e até algumas casas particulares: faz lembrar o carnaval. Até á meia noite não se vê senão uma confusão de gente, que debaixo desta fria estrella do norte, festeja o nascimento do Salvador. Então se reúnem as familias: as creanças recebem os seus presentes, as pessoas grandes accéitam e mandão as suas *pancadas ou toques do natal*. Tudo anda nadando em alegria pelo já obtido, e em esperança pelo que ainda se ha de obter. Também nós conhecemos estas *pancadas do natal* (*Juleklap* em dinamarquez, *Julkloppar* em sueco). Conhecemol-as como um costume transplantado para a nossa terra, mas sente-se que não nos são nativas: falta-lhes o espirito, o lustre, o aroma proprio: bem se vê que é um estylo que está fóra do seu logar.

Pancadas do Natal se chamão os presentes, que por modo de pessa mandão uns aos outros. Reina o folguêdo. Não se cuida senão em bailar e brincar, ainda que ás vezes lá vão á mistura seus chascos. São as saturnaes do norte. Mas quem poderia em dias taes escandalisar-se de nada?

Por esta occasião pôde-se alegrar ao indigente, sem o vexar com o beneficio: pôde-se, com um presente engraçado, divertir, e ao mesmo tempo castigar a um zombeteiro. Pôde-se mandar ao objecto amado a linguagem do coração, que então goza de mais soltura que no restante do anno; e talvez é mais efficaç, porque a alegria é a precursora do amor. Pôde-se finalmente punir um tolo presumido, sem para isso incommodar os tribunaes; só certas cousas que nos paizes meridionaes se podem e costumão fazer, sob o disfarce das mascarar, não lembrão a

ninguem neste paiz, aonde existe a prohibidade, e aonde são desconhecidos os enredos maliciosos. Vêem-se andar girando numerosos portadores mascarados, correios a cavallo e a pé, mancos com as suas mulêtas, pessoas em trajos de frásqueira; porque é da regra que, todo o presente de conçoada deve vir de um modo inesperado, e por mão desconhecida, e apparecer de subito como uma divindade: o essencial é que se faça a cousa de relance e enigmaticamente: — bate-se á porta, e apenas ella se abriu, arroja-se o dom pela casa dentro, e desaparece-se: deste bater á porta, segundo dizem, é que se deu á consoada o nome de *toques ou pancadas do natal*. Isto pelo que pertence ás cidades; agora no campo, ainda se venerão mais os costumes antigos, e não só entre os camponezes, mas também entre as pessoas graves, que lá residem.

Por máu observante das festas do Natal passaria aquelle, que, em todo o oitavario, deixasse de viver em folganças com os seus visinhos e amigos. Ninguém o passa só consigo e sem se divertir, e muito menos os aldeões.

Desde a vespera do Natal todas as mesas estão postas; nellas se alardêão com profusão fiambres de presunto e vacca, queijo, manteiga, boa cerveja e agua-ardente. De tudo se offerece a quem entra; e não ha remedio senão aceitar e comer, pouco ou muito; quando não, o sobrio leva consigo, como elles dizem, a alegria do Natal. Nestes dias santos não se faz outra vida senão bonachira, dançar e tocar.

As papas do natal (*Julgræt*) e o pão do natal (*Julbrød*) pertencem exclusivamente ao primeiro dia. Em algumas casas junça-se de palha o sobrado, em memoria provavelmente do Fresepio. As festas são mais ou menos circumstanciadas, conforme no logar se conservarão mais ou menos os costumes antigos.

Em muitas partes continúa a festança por todos os quinze dias, que decorrem até aos Reis, com pequenos intervalos; noutras, deitão até 15 de janeiro ou vinte dias depois da Natividade, prazo em que, noutro tempo, se acabava a festa com muita cemesaina. A este dia se denomina o *S. Canuto* ou de *S. Canuto*; e diz o rifão, em *S. Canuto sahe dançando o Natal*, ou também *S. Canuto leva o Natal de carruagem*.

Alguna cousa mais diremos dos costumes deste tempo, costumes, em parte abolidos, mas

emparte ainda subsistentes. Tudo, desde a noite do Natal, deve ficar prompto para os dias seguintes, em que nenhum trabalho se hade fazer. Sólta-se o cão de guarda; dá-se melhor comida ao gado, para que tambem elle conheça que é tempo de alegria. Antigamente punhão-se as papas do Natal e outras iguarias em vasos proprios no meio das eiras; e a estas offerlas se ajuntava a de um vestidinho para o *omtegubben*, affirm de elle continuar a trazer a fortuna para a casa, (*Tomtegubben* é um espirito. duende ou trasgo, que, segundo a crença popular, pertence e preside ao terreno, e que ás vezes apparece em figura de velhinho folgazão). O quarto do dono da casa, onde a festa se deve fazer, hade estar armado de cortinados brancos ou de cores, e melhor será se tiverem estampado algum passo aduado, como a adoração dos pastores e dos reis, ou as bodas de Caná. Em muitas partes atapeta-se o pavimento com palha de centeio; as melhores roupas da casa e os fatos domingueiros dos seus moradores devem estar em ostentação. Tudo deve estar varrido, lavado e escaqueado; os trastes de cobre, latão e prata, resplandecentes nos seus logares proprios. Do tecto pende, sobre a mesa posta e carregada de comida, uma capella de palha enfeitada. Cada criada faz um molhinho da mesma palha de centeio com a espiga, e o entalla nas fiskas do tecto ou nos beirados da casa, para conhecerem (pelo numero dos bagos, que se não desapegarem) o numero de namorados ou aspirantes a maridos, que lhe haõde apparecer durante a festa.

Nas comidas da primeira noite entrão infallivelmente peixe páu, hervilhas, arroz de leite, cerveja e aguardente. Ao começar e ao acabar da mesa conta-se uma cantiga; segue-se uma resa com toda a gravidade e depois mais cantigas.

A luz fica acesa toda a noite. Em algumas partes faz-se no chão uma cama de palha, que se chama *cama da irmã*; e nella dormem as creanças e as criadas. Todos os sapatos nesta noite se põem juntos e muito direitinhos, uns ao pé dos outros, para que os seus donos vivão em paz todo o anno. — Para tudo tem virtude a *palha do natal*: gallinha ou gansa, a quem fizeram com esta palha o ninho ou cama para a sua criação, está livre de ser accommettida pela marta ou por qualquer bruxaria: posta á roda de uma arvore ou lançada por cima de qualquer campo, esta palha faz medrar e fructificar. Dada ás vaccas, antes de partirem para o pasto na primavera, livra-as de doenças, e impede que fução. Na noite do Natal procura-se adivinhar o que hade acontecer até dahi a um anno. Mas tudo isto, já andou mais em uso; e hoje o proprio vulgo pratica mais estas usanças, como antigualhas, do que por fazer grande cabedal do seu prestimo.

Era tambem ritual ir ao romper da alva ao bosque mais visinho da povoação, sem dar palavra nem voz alguma, sem olhar para traz, sem se ter desjejuado com solido nem liquido, nem visto fogo, nem ouvido cantar o gallo. Se, por acaso, ao despontar sol, se ia pelo caminho da igreja, advinhava-se, que numero de enterros

haveria no decurso do anno, e, pelo aspecto dos campos e prados, se calculava a futura colheita e tambem que incendios estavam para vir. — A esta perigrinação davão o nome de *curso do anno*.

Não faltão abusões infantis, mas a mais geral é a da *luz do natal*. Se acontece que esta luz se apaga de noite, alguém da casa hade morrer dentro no anno; o côto arrecada-se muito bem, e é um milagroso unguento para feridas dos pés e mãos.

Ainda no seculo passado juncavão as igrejas com palha; mas isto já hoje esta prohibido, como costumeira indecente. O levantar era pelas tres ou quatro horas (isto é, quatro ou cinco horas antes do sol nascido); ia-se para a igreja á missa do natal. Cada camponio levava sua velha ou facho, com o que o templo ficava todo resplandecente. Nas provincias do norte ia-se da igreja passear ao bosque mais visinho, em sege ou cousa semelhante, os que a tiravão; e, chegados lá, atiravão todos para um monte os fachos que levavão, formando uma fogueira, em memoria do grande luzeiro celestial, que era nascido. Ao tornarem para casa, viuhão todos de carneira despedida, a qual primeiro havia de chegar; porque, o que nisto ficasse atraz, tinha-se, que tambem o ficaria depois na lavoura e na colheita.

Em algumas provincias usavão solemnizar o segundo dia do natal, com as correntes de S. Estevão, que é o advogado dos cavallos. Primeiro começava-se por beber em honra do santo; depois ião levar os cavallos a beber a sitios descostumados; e tornavão-se a galópe e, á porfia, para suas pousadas: mas este festejo tem ido progressivamente decaido nestes tempos mais illustrados, em que vivemos, e em que a primeira cousa que se pergunta é — que rende isto?

Requisito não menos indispensavel que as *papas do natal* é o *cordeiro do natal*. — *Cordeiro do natal* e *pão do natal* vem a ser uma e a mesma cousa. Este pão, que é feito da flor da farinha, tem esculpido geralmente um carneiro, com a sua competente armação, e outras vezes um javali. — A explicação do javali, é porque este animal, como todos sabem, representava um grande papel nos banqueies, assim profanos, como religiosos e consagrados aos deuses, entre os antigos escandinavos. Este pão denominado, como dizemos, *carneiro do natal*, põe-se no meio da mesa cercado de presunto, queijo, manteiga, cerveja e aguardente, e conserva-se até dia de S. Canuto.

Havia com este pão muitas superstições. Alguns o guardavão até á primavera; e então davão a comer delle aos cavallos, aos porcos, ás vaccas e até aos homens de trabalho, antes de se irem para os campos, no presuppõto de que assim se auguravão prosperidades e colheita farta.

Tambem noutro tempo era grande objecto a *bolla do natal* (*Julkabba*). Estava esta bolla pendurada do tecto por cima da mesa: tocavão-na de todas as partes, e deixavão-na, para que ella indicasse quem primeiro havia de beber. — Do mesmo modo se divertião tambem com o gallo do natal; que era outro interteni-

mento, como o do guerreiro de palha representando o dono da casa. — Isto a cabra cega, muitas cantigas do natal, jogos de todas as castas, (chamados geralmente *Jullekar*) ainda em muitas partes estão em moda.

Antigamente não havia divertimento ou ex-

travagancia, que, em dias taes, se não admittisse: e eu possuo uma grande collecção destes jogos descriptos em versos, onde se pinta lindamente a innocente e graciosa singeleza, que naquelle povo por mil modos diversos se manifestava.

AVISO AOS NOSSOS ASSIGNANTES.

Os nossos dignos assignantes, que infelizmente não puderem continuar a coadjuvar-nos com as suas assignaturas para o proximo anno de 1855, são rogados a mandarem sua participação por escripto, com seu nome, rua e numero da casa, á typographia do **Jornal das Senhoras**, rua do Cano, em frente ao muro do hospital de S. Francisco de Paula, n. 165, desde as 7 horas da manhã até as 4 da tarde de todos os dias uteis.

A Redacção gerente aproveita a occasião de participar a todos os Srs. assignantes que tem estabelecido o seu escriptorio na mesma typographia, onde receberá, em todos os dias uteis e ás horas já indicadas, toda a correspondencia, reclamações, assignaturas, e o que por ventura disser respeito á gerencia do **Jornal das Senhoras**.

Todos os Srs. assignantes de fóra da côrte, que tiverem de se dirigir por carta á Redacção, devem fazê-lo com o sobrescripto

A' Redacção do Jornal das Senhoras

Rua do Cano n. 165, loja.

A casa dos Srs. Wallerstein & C.^a, rua do Ouvidor n. 70, continúa a receber assignaturas, como d'antes; mas a correspondencia e reclamações deverão ser dirigidas á Redacção unicamente, que é quem tem de responder por ella.

Os Srs. assignantes das provincias mandarão suas ordens para que lhes seja remetida a nova assignatura.

CHARADA.

No vestido ou nos calções;	1
Expressão d'um animal;	1
Se negativo com — taca —,	
Se diz do que nada val.	2

Bugiganga lá da Europa
Para dinheiro extorquir,
Tem por unico mister
Nos toucadores servir.

As charadas do n.º 52 são: 1.^a, *Almocreve*; 2.^a, *Gaveta*.



Acompanha este n.º 55 uma estampa com moldes de manteletes.